

**UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL DAS FORMAÇÕES LEXICAIS BASEADAS EM
CORONAVÍRUS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO
A CONSTRUCTIONAL ANALYSIS OF LEXICAL FORMATIONS BASED ON
CORONAVIRUS IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE**

Carlos Alexandre Gonçalves¹

RESUMO

Neste texto, analisamos a formação técnica *coronavírus*, desde a criação em sua área de especialidade (a infectologia) até os dias de hoje. Observando os aspectos morfológicos e semânticos envolvidos nos processos de formação de palavras utilizados, pretendemos mapear as estratégias de que se vale o falante para expressar ponto de vista com construções lexicais, representando, nos moldes de Booij (2010), os esquemas e subesquemas utilizados. Nessa empreitada, a principal fonte de dados foi a *Internet*, sobretudo as redes sociais: *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*.

Palavras-chave: Morfologia; Formação de Palavras; Construção; Recomposição.

ABSTRACT

In this paper, we analyze the technical formation *coronavirus*: the creation in its area of specialty (infectiology), the morphological model of this lexical formation and its employers in the nowadays. Observing the morphological and semantic aspects involved in the word formation processes used to create new words from *coronavirus*, we intend to map the strategies that the speaker uses to express a point of view with lexical constructions, representing, in the molds of Booij (2010), the schemes and subschemas used. In this endeavor, the database comes from the Internet, especially social networks: Twitter, Instagram and Facebook.

Keywords: Morphology; Word Formation; Construction; Compounding.

¹ Professor Titular do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ. Pesquisador-bolsista do CNPq (nível 1). Docente permanente do PPGLEV. E-mail: carlexandre@bol.com.br.

Palavras iniciais

Nos dias de hoje, o tema do momento é o coronavírus, agente transmissor de uma síndrome gripal que atingiu proporções mundiais. No *site* do Ministério da Saúde, afirma-se que “Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. **O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19** após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19)” (<<https://coronavirus.sude.gov.br>>. Último acesso: 21 de junho de 2020).

Saindo da esfera médica e pandêmica da doença, pretendemos, neste texto, mostrar que forma linguística que nomeia o vírus vem sendo intencionalmente manipulada pelos falantes, sobretudo brasileiros, com o intuito de mostrar não apenas os graves efeitos do contágio no planeta (cf. *coronafome*, *coronamorte*), mas, sobretudo, de expressar ponto de vista (*viewpoint*) através da criação de novas palavras no domínio político envolvendo o atual presidente da república e seus seguidores, como, respectivamente, *coronabozo* e *coronagado*². Dessa maneira, o objetivo principal do artigo é mapear, descrever e analisar as novas formações lexicais oriundas do composto neoclássico *coronavírus*, buscando representá-las através do modelo construcional de Booij (2010) para a morfologia.

Ao optarmos pela Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005; 2007; 2010), pretendemos analisar não apenas o polo formal das novas criações lexicais, mas também as motivações sócio-cognitivas de séries de palavras ultrarrecentes que se espelham nesse tecnicismo. O texto é dividido como se segue: primeiramente, mostramos por que *coronavírus* é considerado um composto neoclássico para, logo após, apresentar brevemente o modelo que sustenta a descrição, a Morfologia Construcional (BOOIJ; 2005 2007, 2010). Por fim, analisamos os processos de que o falante faz uso para construir novas palavras a partir de *coronavírus*, representando os esquemas e subesquemas relevantes. Finalizamos o texto abordando novas formações que remetem ao nome da doença, mas partem de outras bases que fazem referência ao agente infeccioso, a exemplo *COVARD-17* e *BOVID-17* (de *COVID-19*) e *bolsonavírus* (de *vírus*).

1. Metodologia

Nossa abordagem sobre o tema se ampara em 94 formações (*types*) obtidas através das ferramentas eletrônicas de busca disponíveis nas redes sociais. Portanto, o *corpus* engloba prioritariamente palavras oriundas do *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* e grupos de *WhatsApp* do pesquisador.

² Agradeço a Wagner Alexandre dos Santos Costa, colega da UFRRJ, pelos primeiros dados fornecidos e, por conta disso, por inspirar a pesquisa e a consequente elaboração deste texto. Agradeço também os dois pareceres da *Linguística*, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento da versão aqui apresentada. Obviamente, os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

Usamos o *Google* para verificar o provável número de *tokens* relacionados a cada uma das formações encontradas. Com o *Google*, acabamos chegando a dados provindos de *blogs*, jornais, revistas, enfim, qualquer fonte escrita disponível na *Internet*. Tal recolha foi realizada de março a junho deste ano. Após a coleta, as palavras foram divididas de acordo com a aceção do item morfológicamente complexo e identificamos, paralelamente, a natureza categorial das bases e dos produtos. Por fim, a interpretação dos itens lexicais passou pelo grau de previsibilidade do significado das palavras criadas (LANGACKER, 1987), o que implicou reconhecer unidades mais transparentes e outras mais opacas (dependentes de contexto, imagem ou meme a elas vinculadas e/ou conhecimento do momento sócio-político em que vivemos). Dito de outra maneira, intentamos verificar o grau de composicionalidade e analisabilidade³, nos moldes de Bybee (2010), das formações que compõem o *corpus*. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa e observacional com dados de uso efetivo da língua em situações comunicativas variadas, que, em comum, provêm de ambientes virtuais.

2. Algumas notas sobre composição neoclássica

De acordo com *Wikipédia*, os coronavírus são uma grande família viral, conhecida desde meados dos anos 1960, que causa infecções respiratórias em seres humanos e em animais (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Coronav%C3%ADrus>)⁴. Geralmente, infecções por coronavírus causam doenças respiratórias de leves a moderadas, assemelhando-se a um resfriado comum. Recentemente, em dezembro de 2019, um novo tipo de coronavírus foi descoberto, o 2019-nCoV, o qual tem causado mortes e bastante preocupação por sua rápida propagação em nível mundial e ampla necessidade isolamento social.

O *novo coronavírus* (tecnicamente conhecido pela sigla CoViD-19 – Co de corona, Vi de vírus e D de *disease*, doença em inglês, e 19, do ano de descoberta, 2019) faz parte de um grupo que contém mais de vinte tipos de vírus cuja denominação se apropria de elementos latinos sempre precedidos da forma constante *viridae*, a exemplo *sequiviridae* e *tetraviridae*. Apesar de descobertos há pouco mais de setenta anos, a nomenclatura de tais agentes infecciosos segue o padrão neoclássico de formação,

3 Segundo Bybee (2010), *analisabilidade* é o reconhecimento da contribuição de cada componente para o significado composicional. Esse conceito envolve o conhecimento do falante sobre as palavras e os morfemas que a compõem, bem como o da sua estrutura morfossintática, ou seja, reconhecimento de sua estrutura morfológica. De acordo com a autora (2010), a *analisabilidade* é gradiente, uma vez que as partes de uma construção podem ser total ou parcialmente identificadas. Composicionalidade, por sua vez, é uma medida semântica referente ao grau de previsibilidade do significado do todo a partir do significado das partes.

4 Para não poluir o texto, sobretudo na apresentação dos dados, todas as referências a materiais retirados da *Internet* têm a mesma data de acesso: 20/05/2020.

instituído a partir do final do século XIX, por envolver uma área de especialidade (infecologia)⁵.

Em termos linguísticos, *coronavírus* pode ser interpretado como um composto neoclássico, relacionado, portanto, à nomenclatura técnico-científica e filosófico-literária que se estabeleceu como norma nos fins do século XIX e início do século XX. Como todo neoclássico, a formação tem cabeça lexical à direita, muito embora divirja dos compostos neoclássicos mais prototípicos, cujo núcleo constitui forma presa (*genocida*, “aquele que deliberadamente ordena o assassinio de pessoas”) ou se combina com um sufixo igualmente erudito, *-ia* (como *epidemia*, “doença que ataca simultaneamente grande número de indivíduos”, e *tromboembolia*, “mal que acarreta o entupimento dos trombos ocasionada pela migração de um corpo estranho, o *êmbulo*”). Conforme nos relata Gonçalves (2019), são raros compostos neoclássicos em que a cabeça lexical é livre. Como se vê em (01), a seguir, somente *cultura*, *tipo* e *vírus* não constituem formas presas. Os demais casos de formas livre na segunda posição têm em comum a presença do já aludido sufixo *-ia*, apresentando, desse modo, algum grau de analisabilidade, embora sejam não composicionais:

(01)	floricultura	claustrofobia
	tetravírus	hidrovia
	fenótipo	tricotomania
		sonoterapia

É a forma latina, inclusive, a que aparece em alguns casos de sufixação em português, sobretudo na formação de adjetivos: *coronal*, *coronário*. Portanto, a expressão “corona” é de fácil leitura pelos usuários de língua portuguesa, haja a existência das formas “coroa” e “corona”, embora a última seja um *doublet* (GONÇALVES, 2019), aparecendo em derivados. Além disso, a palavra *corona* já existia na língua, mas com o significado de modelo de chuveiro (as famosas duchas Corona). Vale lembrar, ainda, que esse oniônimo, já em desuso, é metáfora do desenho de uma coroa, o que não acontece com o nome da cerveja mexicana, um homônimo ainda vigente na língua. *Coronavírus* significa “vírus em formato de coroa”, pois seu núcleo é envolvido numa cápsula de aspecto helicoidal, semelhante a uma coroa. Embora seja um tecnicismo, a criação é, sem dúvida alguma, de base metafórica, como se observa pela Imagem 1 a seguir:

5 O padrão neoclássico de formação consiste em se apropriar de elementos gregos e latinos com o intuito de formar intencionalmente um termo técnico (cf. p. ex., SANDMANN, 1989). Trata-se, portanto, de uma práxis de criar formações não espontâneas de variadas áreas de especialidade, pois os termos são deliberadamente pensados, arquitetados, resgatando-se, para tanto, radicais greco-latinos em que a cabeça (núcleo) sempre se posiciona à direita. Quando as formações de áreas como a infectologia passam para a língua comum, é frequente o uso da forma vernacular correspondente. Por isso, é natural a adaptação de *viridae* a *vírus* (em inglês, *virus* também constitui forma livre).



Imagem 1: O formato do coronavírus

(<https://brasilecola.uol.com.br/doencas/coronavirus.htm>. Acesso em 20/03/2020)

A pequena distância entre *corona* (forma latina) e *coroa* (forma vernacular correspondente) não deixa a formação totalmente opaca ao falante, que reconhece ser *coronavírus* a denominação de uma patologia cujo agente é viral, dada a absoluta correlação do núcleo da construção morfológica para com a forma livre correspondente na língua: *vírus*. É a forma latina, inclusive, a que aparece em alguns casos de sufixação em português, sobretudo na formação de adjetivos: *coronal*, *coronário*. Portanto, a expressão “corona” é de fácil leitura pelos usuários de língua portuguesa, haja a existência das formas “coroa” e “corona”, embora a última seja um *doublet* (GONÇALVES, 2019), aparecendo em derivados. Além disso, a palavra *corona* já existia na língua, mas com o significado de modelo de chuveiro (as famosas *duchas Corona*). Vale lembrar, ainda, que esse oníônimo, já em desuso, é também metáfora do desenho de uma coroa.

Coronavírus é, portanto, um composto neoclássico endocêntrico: a interpretação parte do núcleo, que também atribui gênero e classe à formação (substantivo masculino). Nos termos de Scalise *et al.* (2009), temos uma formação em que o elemento à direita constitui cabeça categorial (responde pela classe do produto), morfológica (atribui gênero) e semântica (define o significado genérico da nova forma).

Uma das principais características da composição neoclássica em português (cf., p. ex., CAETANO, 2010; GONÇALVES, 2011; HIGINO DA SILVA, 2016), ao contrário de outras línguas, como o russo e o dinamarquês (AMIOT & DAL, 2005; LÜDELING, 2006; PETROPOULOU, 2009), é a vitalidade dessas formações: a maioria de modo algum constitui fóssil linguístico, isento da manipulação pelo falante comum (sem prévio conhecimento do grego, do latim ou mesmo da terminologia científica). Pelo contrário, criamos, através de construções neoclássicas, inúmeras formações que, inclusive, podem sair da área técnica e ser consideradas absolutamente naturais, deixando, portanto, de constituir artificialismo deliberadamente manufaturado nas áreas de especialidade correspondentes. Rondinini & Gonçalves (2007), por exemplo, destacam inúmeras formações super espontâneas com *-logo* e *-grafo*:

- | | | |
|------|-------------|--------------|
| (02) | mulherólogo | cornógrafo |
| | mulatólogo | pornógrafo |
| | cervejólogo | pilantógrafo |

As diversas formações em (02) comprovam que o falante comum (usuário da língua que não dispõe de conhecimento histórico e/ou etimológico) reconhece um neoclássico e o transforma numa palavra de uso comum, que sai da esfera técnico-científica ou filosófico-literária justamente por constituir um híbrido (forma linguística com uma parte clássica e outra vernácula):

- (03) merdófono (falador de besteira, merda)
 esmalteca (coleção de esmaltes)
 maconhódromo (lugar em que se fuma maconha)
 frangoréxico (aquele que não ingere frango)
 cristolândia (lugar de concentração de evangélicos)

Na próxima seção, apresentamos, ainda que brevemente, o modelo construcional de Booij (2010) para, logo após, defender um esquema geral para a composição neoclássica e analisar as formações oriundas do tecnicismo *coronavírus*.

3. Sobre a morfologia construcional: brevíssimas ideias

Como relatamos em outros textos (cf., p. ex., GONÇALVES & ALMEIDA, 2014; GONÇALVES, 2016; GONÇALVES & PIRES, 2017) e aparece em muitos artigos que circulam na *web* (cf., p. ex., SIMÕES NETO, 2017; SOLEDADE, 2018; TAVARES DA SILVA, 2019), a Morfologia Construcional (MC) surge no cenário dos estudos linguísticos como alternativa para análise de processos morfológicos instáveis, que não podem ser encaixados perfeitamente nos padrões canônicos da composição e da derivação⁶. No livro em que consolida o modelo, Booij (2010: 03) assim se reporta à MC:

Na Gramática de Construções, a gramática das línguas naturais é vista como um inventário estruturado de construções, isto é, padrões de forma-significado, em vários níveis de abstração. Na Morfologia Construcional, nos focamos nas construções no nível da palavra, mas não só elas, como também construções frasais com propriedades de palavras.

Na MC, palavras morfologicamente complexas são interpretadas como idiomas construcionais no nível da palavra, portando uma parte fixa (plenamente especificada) e uma variável (um *slot* vazio, representado por X). Por exemplo, no caso das construções *X-dor* (*cuidador*, “profissional que cuida

⁶ Como já há, em português, muitos artigos que descrevem o modelo, incluindo a necessidade de reformulação de um ou outro dispositivo, para efeitos deste texto, julgamos necessário apresentar apenas as ideias básicas, focalizando, sobretudo, a formalização e os tipos de herança entre construções, daí o uso de “brevíssimas notas” no título da seção.

(geralmente de idosos ou incapazes)”; *amortecedor*, “parte do carro que amortece” e *acusador*, “aquele que acusa”), a parte fixa é a sequência *-dor*), sempre à direita, um sufixo, portanto, e a variável são os verbos que se adjungem à esquerda. Em comum, tais formas expressam a noção de agente.

Nos termos de Gonçalves & Almeida (2014: 165), esquemas construcionais “são padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente”. Um esquema construcional pode gerar subesquemas, que também podem se desdobrar em outros subesquemas, uma vez que “são estruturas simbólicas que formalizam conceitos armazenados na memória, a partir da abstração de experiências do mundo em que generalizações são realizadas” (GONÇALVES, 2016: 33). Por causa dessa propriedade, Booij (2005) acrescenta especificação semântica genérica aos esquemas, o que significa, utilizando as palavras de Soares da Silva (2006), “puxar o significado para cima”.

Gonçalves & Almeida (2014) discorrem sobre o aporte da Gramática das Construções, buscando uma conceituação para o termo construção que seja mais aproximada ao nível da palavra. Assim, definem as construções como “interseções de níveis diferentes da língua organizadas hierarquicamente por meio de ligações por herança em uma espécie de rede ou teia” (GONÇALVES & ALMEIDA (2014: 178). Desse modo, acrescentam ao modelo as relações de herança, amplamente descritas, por exemplo, em Goldberg (1995). Tais relações são as seguintes, com seus respectivos exemplos:

Herança por polissemia – refere-se à extensão de significado de uma construção para outra. É o caso do sufixo *-ista*, que forma agentes profissionais (‘frentista’, ‘taxista’), especialistas (‘meteorologista’, ‘oftalmologista’), além de adeptos (‘marxista’, ‘petista’) e adjetivos (‘intimista’, ‘chauvinista).

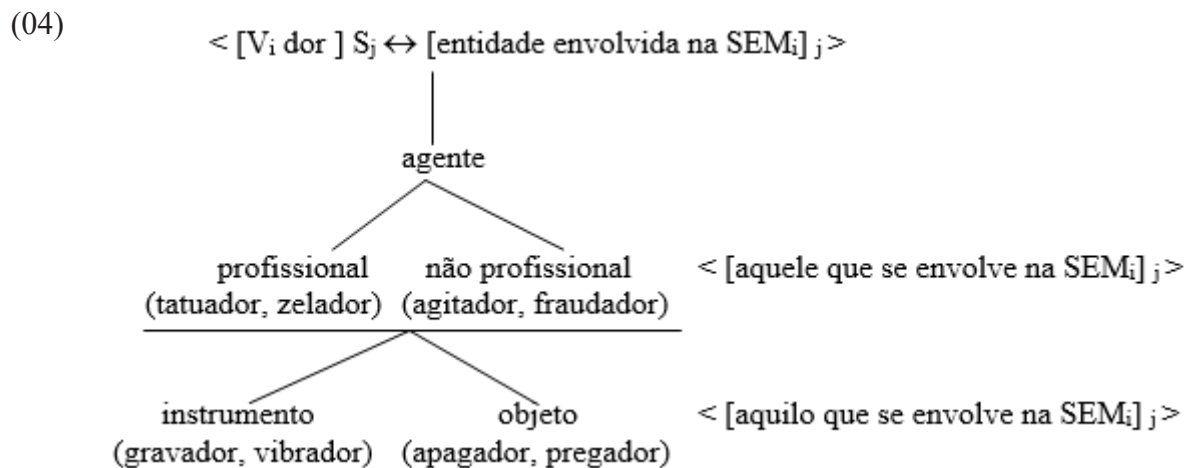
Herança por metáfora – refere-se a duas construções relacionadas por projeção interdominial. É o caso, por exemplo, das formações em *-ão* que se especializaram na denominação de entidades (GONÇALVES et al., 2009), como ‘pimentão’, ‘orelhão’ e ‘espigão’, caracterizando, para Basilio (2014), uma das funções do aumentativo.

Herança por subparte – ocorre quando uma construção é parte constituinte de outra, como em ‘micro’, ressemantizada a partir de ‘microempresa’ ou ‘microondas’, da qual herdamos o gênero: a micro (empresa) o micro (ondas).

Herança por instanciação – ocorre quando uma construção apresenta grau de detalhamento maior, como em ‘grosseiro’ e ‘cachaceiro’, que possuem esquemas construcionais específicos em

relação ao esquema básico – no primeiro, a base é adjetiva; no segundo, a base é substantiva.

A partir da noção de esquema construcional e relação de herança, pode-se propor o esquema em (04) para o sufixo *-dor*. Nesse esquema, base e produto são indexados, respectivamente, pelos símbolos subscritos V (verbo) e S (substantivo). Os subscritos i e j indicam que tanto a base, representada pela variável X, quanto o produto fazem parte do léxico. Na formalização a seguir, SEM é o significado mais básico da construção (puxado para cima) e os símbolos maior que e menor que (respectivamente, <, >) demarcam o esquema. A seta de mão dupla (↔) relaciona forma e significado no interior do esquema. Como se infere da representação, tem-se uma herança por polissemia:



Por se tratar de um modelo que explicitamente se alinha à Linguística Cognitiva (cf. BOOIJ, 2010), a MC cada vez mais vem incorporando, à descrição do polo semântico das construções lexicais, abordagens sobre metáfora, metonímia, espaços mentais e esquemas imagéticos, entre outras. No Brasil, já vem se firmando como paradigma representativo dos estudos morfológicos, como demonstra Tavares da Silva (2019), para quem remetemos o leitor interessado em maiores detalhes sobre esse constructo teórico.

4. O esquema da composição neoclássica e as formações oriundas de *coronavírus*

Tomando por base um conjunto de formações neoclássicas, Gonçalves & Pires (2017) propõem que a chamada composição neoclássica também pode ser modelada por esquemas construcionais semelhantes aos da derivação e composição, mas não chegam a formalizar esse processo de palavras. No nosso entendimento, como os dois elementos constituem formas presas e, por isso, não recebem etiqueta lexical, podem ser genericamente referenciados como X e Y, em maiúsculas, já que não são palavras, e, por não constarem do léxico, não são indexados (ou seja, não recebem os símbolos i e j, subscritos). Nesse caso, o produto é sempre previsível em termos categoriais: como estamos falando

de um vocabulário técnico-científico, o produto é sempre um substantivo. No polo semântico, temos a informação genérica de nome técnico.

(05) $\langle [XY]_{Si} \leftrightarrow [NOME\ T\acute{E}CNICO]_{Si} \rangle$

Esquematicidade é a propriedade de uma construção ser representada por meio da abstração em esquemas, ou seja, em generalizações taxonômicas. Nessa visão, esquemas são representações gerais que agrupam e instanciam representações mais específicas, até chegar, em último nível, aos construtos. A esquematicidade é gradiente, pois construções podem ser mais ou menos esquemáticas. Quando se aborda uma hierarquia construcional, os níveis mais altos são os menos substantivos (como em (05), acima) e, conseqüentemente, mais esquemáticos. Os níveis mais baixos, por sua vez, conforme se preenchem as partes que compõem uma construção, são mais substantivos (plenamente especificados). Num nível intermediário de esquematicidade, teríamos, por exemplo, $[[X]cida]_{Si}$ e o nível mais concreto é o da palavra completa, como *fungicida* e *algicida*: $[[fungi]_{Si} cida]_{Sj}$, $[[algi]_{Si} cida]_{Sj}$.

Um padrão de composição neoclássica menos esquemático que (05) é (06), a seguir, que apresenta um elemento especificado na periferia direita da construção: o formativo de origem grega, *-ia*, já mencionado na seção 2. Esse sufixo aparece sistematicamente em diversas formações neoclássicas e responde por um sem-número de palavras complexas, como se exemplifica em (07):

(06) $\langle [XY ia]_{Si} \leftrightarrow [NOME\ T\acute{E}CNICO]_{Si} \rangle$

(07)	epidemia	idolatria
	psiquiatria	filantropia
	hipotermia	alquimia
	geografia	filosofia
	ecologia	hemofilia

O mecanismo de *chunking*⁷ levou à criação de inúmeras formas livres que, além de usadas sozinhas, figuram numa série de compostos com núcleo à direita, o que acaba por tornar mais tênue a fronteira entre a composição neoclássica e a composição comum, aqui denominada de lexical, por combinar palavras e ter núcleo sempre à esquerda⁸.

7 De acordo com Bybee (2010: 34), o *chunking* é um processo de “domínio geral que envolve a prática na melhora de tarefas cognitivas e neuromotoras” e, especificamente, na linguagem, consiste num mecanismo em que sequências de palavras ou morfemas são agrupadas na cognição e passam a ser compreendidas como uma única unidade, o *chunk*. A força dessa relação sequencial é determinada pela frequência com que as palavras aparecem juntas.

8 Mesmo contrariando o novo acordo ortográfico, vamos grafar todos os dados utilizados no artigo (incluindo os do

- (08) mania: megalomania, beatlemania, bethaniomania X tem mania de fumar
 fobia: aracnofobia, homofobia, gordofobia X tem fobia de rato
 terapia: hidroterapia, sonoterapia, facebookterapia X faz terapia do sono
 via: hidrovía, ferrovia, rodovia X via pública, via de pedestre

Além das formações em (08), três outras têm propriedades de tecnicismos, mas apresentam uma forma livre à direita como núcleo do composto, como ressaltamos no início da seção 2: *tipo* (*estereótipo, protótipo*), *cultura* (*floricultura, horticultura*) e *vírus* (*rotavírus, pentavírus*).

A tragédia envolvendo a rápida disseminação do novo coronavírus pelo mundo colocou o nome do agente infeccioso em evidência nos principais meios de divulgação: televisões de todo o mundo, jornais de grande circulação nacional e/ou internacional e, principalmente, na *Internet*. Os esquemas envolvidos são os seguintes, do mais abstrato para o mais substantivo:

- (09)
- $$\begin{array}{l} < [[X] \text{ [vírus]}]_{si} > \leftrightarrow < \text{vírus relacionado à SEM de [X]} > \\ | \\ < [\text{corona} \text{ [vírus]}]_{si} > \leftrightarrow < \text{vírus causador da CoViD-19} > \end{array}$$

No Brasil, a pandemia, além de assustar e comover a população, por seus efeitos catastróficos, levou à compactação da construção substantiva (plenamente especificada) e *corona* condensou o significado da doença, numa espécie de metonímia formal, em que a parte vale pelo todo. Criou-se, assim, uma palavra independente, *corona*, que assumiu o significado do composto de onde se desprende. Em termos morfológicos, o processo em jogo é o truncamento⁹, que, numa abordagem construcionista, remete a uma herança por subparte, nos termos de Goldberg (1995):

- (10)
- $$\begin{array}{l} < [\text{corona} \text{ [vírus]}]_{si} > \leftrightarrow < \text{vírus causador da CoViD-19} > \\ | \\ < [\text{corona}]_{si} > \leftrightarrow < \text{vírus causador da CoViD-19} > \end{array}$$

A nova forma compete com a complexa, como se vê nos exemplos a seguir, em (11):

corpus) sem hífen. Tal opção foi feita em função de encontrarmos as palavras escritas juntas ou separadas, como ou sem hífen. Para marcar que constituem unidade, resolvemos escrevê-las sempre juntas.

⁹ O truncamento é um processo não concatenativo de formação de palavras que, diferentemente dos processos de prefixação e sufixação, não se estrutura a partir da adjunção de afixos, mas a partir da supressão de segmentos da palavra-matriz. Essa perda de massa fônica pode ou não ser morfêmica. No caso em questão, incide num elemento morfêmico, como ocorre também em *gastro*, *fono* e *homo*, por, respectivamente, *gastroenterologista*, *fonoaudiólogo* e *homossexual*.

- (11) Antes de testar positivo para **Corona**, Príncipe Charles encontrou a Rainha.
 <<https://capricho.abril.com.br/famosos/antes-de-testar-positivo-para-corona-principe-charles-encontrou-a-rainha/>>
Corona não pegou Bolsonaro, mas o isolou. Ele está politicamente só.
 <<http://atarde.uol.com.br/coluna/levivasconcelos/2124049-corona-nao-pegou-bolsonaro-mas-o-isolou-ele-esta-politicamente-so>>
Coronavírus: o que fazer para se prevenir.
 <<https://coronavirus.saude.gov.br/>>

A forma livre *corona* pode remeter ao agente infeccioso ou à doença, numa clara extensão metonímica. O gênero do produto é herdado não da forma em si, mas de suas acepções, pois, em linhas gerais, o feminino faz alusão à doença (12a) e o masculino, ao vírus (12b). Encontramos pouquíssimas instanciações que fogem a essa tendência, o que diferencia o truncamento *corona* do nome técnico *CoViD*, cujo espectro da variação de gênero é muito maior, como veremos na seção 5.

- (12) a. A Desinfecção de superfície com hipoclorito de sódio a 0,1% ou etanol 62 e.71% reduz significativamente a **corona** – infecciosidade do vírus em superfícies dentro de 1 min de tempo de exposição. (<<https://www.abro.org.br/entenda-o-coronavirus/>>)
 b. As formas de transmissão **do corona** ainda estão sendo investigadas.
 (<<https://www.abro.org.br/entenda-o-coronavirus/>>)

Não é, no entanto, o uso de *corona* como forma livre o que mais chama atenção no momento; o que salta aos olhos, hoje, nas mídias sociais, é o fato de *corona* se adjungir a novas bases lexicais, formando outras palavras complexas num esquema parecido com [[X] [vírus]]_{si}, já vigente na língua, como mostramos em (09), mas agora com o *slot* vazio à direita, como se observa em (13):

- (13) < [corona]_{si} [X]_{sj}]_{sk}> ↔ < SEM DE [X]_{sj} RELACIONADA À CoViD-19 >

Muitos são os produtos respaldados no esquema em (13). Por exemplo, *coronapânico* remete ao “medo exagerado de contrair o vírus”, do mesmo modo que *coronacrise* ativa o *frame* de “instabilidade econômica oriunda dos efeitos da pandemia”. Por esses exemplos, percebe-se que o núcleo continua à direita, constituindo os três tipos de cabeça aludidos na seção 3: categorial, morfológica e semântica. Outros exemplos são listados em (14), a seguir:

- (14) coronaprotocolo coronamedo
 coronacontrole coronaquarentena
 coronacuidados coronassurto
 coronadifusão coronassono
 coronafarsa coronafantasia

Os dados em (14) sugerem que as novas formações compartilham uma série de propriedades morfológicas e semânticas com o processo de recomposição. Na recomposição, parte de um composto neoclássico assume o significado do todo e se combina com outras palavras, levando as novas formações a ativar a construção complexa de onde se desgarrou (GONÇALVES & OLIVEIRA, 2013), a exemplo do que acontece, também, com *fotomontagem* e *autoescola*, cuja interpretação do produto remete aos compostos *fotografia* e *automóvel*, não perpassando, portanto, pelo significado etimológico do constituinte à esquerda.

As novas formações em (14) são bem transparentes e praticamente não precisam de contexto para ser interpretadas, sendo, nesse sentido, fortemente marcadas pela composicionalidade, uma vez que, nesses casos, o significado da construção está de algum modo relacionado ao significado de suas partes. Assim, *coronaprotocolo* é “o conjunto de medidas para não contrair o vírus”, do mesmo modo que *coronafantasia* e *coronafarsa* podem ser interpretadas como “a mentira envolvendo a pandemia ou a maximização do discurso sobre a CoViD-19”.

Como o controle do vírus depende, diretamente, de ações governamentais, os brasileiros foram extremamente rápidos em criar formações lexicais avaliativas envolvendo o então composto *coronavírus*. No centro de uma série de questões de ordem política e ideológica, o atual presidente da república, o ex-deputado Jair Bolsonaro, minimizou os efeitos da pandemia, ora a chamando de “fantasia” (Jornal Nacional (JN), 22/03/2020), ora fruto de “histeria” (JN, 23/03/2020) e, até mesmo, sabendo utilizar bem o uso atenuador do diminutivo, comparou a mera “*gripezinha*” ou a um simples “*resfriadinho*” (JN, 24/03/2020). Alegou, ainda, que, caso contraísse o vírus, passaria ileso pela doença “por ter sido atleta” (JN, 24/03/2020), respondendo, mais tarde, que não era coveiro (JN, 20/04/2020). Com um “e daí” (JN, 28/04/2020) que viralizou na *Internet* e com frases como “todos nós vamos morrer um dia” (JN, 02/05/2020) e “são raros os lugares no país em que faltam respiradores” (JN, 14/05/2020), o presidente passou a ser considerado como o pior inimigo nos esforços contra a pandemia no mundo (<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52594649>>).

O Jornal de Brasília (<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>) traz, em sua matéria do dia 20 de abril de 2020, vinte e cinco falas polêmicas que evidenciam a falta de interesse do presidente pelo controle da doença no país:

- (15) “Eu não sou coveiro, tá certo?” (20/4)
 “Não tem que se acovardar com esse vírus na frente” (18/4)
 “Os Estados estão quebrados. Falta humildade para essas pessoas que estão bloqueando tudo de forma radical.” 19/4
 “Quarenta dias depois, parece que está começando a ir embora essa questão do vírus” (12/4)

- “Ninguém vai tolher meu direito de ir e vir” (10/4)
- “Esse tratamento (com hidroxicloroquina), que começou aqui no Brasil, tem que ser feito, segundo as pessoas que a gente tem conversado, até o quarto ou quinto dia dos primeiros sintomas” (8/4)
- “Há 40 dias venho falando do uso da hidroxicloroquina no tratamento do covid-19. Cada vez mais uso da cloroquina se apresenta como algo eficaz” (8/4)
- “Se o vírus pegar em mim, não vou sentir quase nada. Fui atleta e levei facada” (30/3)
- “O vírus tá aí, vamos ter de enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô, não como moleque” (29/3)
- “Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. É a vida. Você não pode parar uma fábrica de automóveis porque há mortes nas estradas todos os anos”. (27/3)
- “Não estou acreditando nesses números de São Paulo, até pelas medidas que ele (o governador João Doria) tomou” (27/3)
- “Sabe quando esse remédio (hidroxicloroquina) começou a ser produzido no Brasil? Ele começou a ser usado no Brasil quando eu nasci, em 1955. Medicado corretamente, não tem efeito colateral” (26/3)
- “O povo foi enganado esse tempo todo sobre o vírus” (26/3)
- “O pânico é uma doença e isso foi massificado quase que no mundo todo e no Brasil não foi diferente” (26/3)
- “O brasileiro tem de ser estudado, não pega nada. O cara pula em esgoto, sai, mergulha e não acontece nada.” (26/3)
- “São raros os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos” (24/3)
- “Não podemos nos comparar com a Itália. (...) Esse clima não pode vir para cá porque causa certa agonia e um estado de preocupação enorme. Uma pessoa estressada perde imunidade” (22/3)
- “De forma alguma usarei do momento para fazer demagogia” (21/3)
- “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?” (20/3)
- “Tem certos governadores que estão tomando medidas extremas. Tem um governo de Estado que só faltou declarar independência do mesmo” (20/3)
- “Não se surpreenda se você me ver (sic) no metrô lotado em São Paulo, numa barcaça no Rio. É um risco que um chefe de Estado deve correr. Tenho muito orgulho disso” (18/3)
- “O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos” (17/3)
- “Tem locais, alguns países que já tem saques acontecendo. Isso pode vir para o Brasil. Pode ter um aproveitamento político em cima disso” (17/3)
- “Eu não vou viver preso no Palácio da Alvorada com problemas grandes para serem resolvidos no Brasil” (16/3)
- “Muito do que falam é fantasia, isso não é crise” (10/3)

Talvez em decorrência de falas como as em (15), além de fazer alusão à doença, *corona* passou por um processo de ressemantização porque agora também se insere numa construção predominantemente avaliativa, remetendo a um cenário político vinculado à figura do presidente da república e/ou a seus adeptos mais radicais, conhecidos como *bolsominions*. De fato, todas as formações em (16), a seguir, evocam o presidente e seus seguidores, por conta dos discursos polêmicos e contrários às recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre o controle e a disseminação da doença.

- (16) coronagado (<<https://www.instagram.com/p/B9wpLNqJK7H/>>)
 coronaburro (<<https://www.naciodigital.cat/opinio/21137/>>)
 coronaboçal (<<https://twitter.com/Palmeirasso51/status/1240290795086807041>>)
 coronabozo (<<https://twitter.com/hashtag/coronabozo>>)
 coronafamília (<<https://twitter.com/search?q=corona%20famil%C3%ADcia&src>>)
 coronamínion (<<https://twitter.com/Lorhann5>>)
 coronalixo (<<https://twitter.com/lovepicles>>)
 coronabosta (<https://www.youtube.com/watch?v=3-fUSmTTvGQ>>)
 coronahisteria(<http://www.ovarnews.pt/para-acabar-com-o-virus-da-coronahisteria/>>)
 coronafantasia (<<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-sugere--manifestacoes/>>)
 coronaresfriadinho (<<https://www.boatos.org/>>)

As formações em (16) compactam o significado de *coronavírus*, mas também se prestam à modalização apreciativa, segundo a qual o falante sinaliza seu ponto de vista sobre o atual presidente e seus seguidores. Estamos, portanto, diante de um caso diferente de recomposição, pois a sequência morfêmica remanescente não apenas condensa o significado do composto neoclássico original, mas sinaliza um juízo de valor sobre o chefe da nação e seus apoiadores. Nos termos de Soares da Silva (2006), a construção passa por um processo de pragmatização, pois há um tom depreciativo, jocoso e irônico em formações lexicais como as apresentadas em (16).

Cabe ressaltar que não foi feita qualquer triagem nos *corpus* a que chegamos, pois recolhemos todas as formações avaliativas com a base *corona*, independentemente de veicularem apreço ou despreço pelo presidente. Em termos quantitativos, no entanto, é praticamente nula a existência de instanciações com avaliação positiva, embora haja algumas compatíveis com frases como as listadas em (15), a exemplo de *coronaglobo*, usada em referência à suposta tentativa de a Rede Globo sabotar o mandato do presidente por conta da pandemia (<<https://www.istockphoto.com/br/foto/pandemia-global-do-v%C3%ADrus-corona-globo>>). Em linhas gerais, as avaliações alinhadas ao atual governo são de leitura mais composicional, como as apresentadas em (14).

No nosso entendimento, o ponto de vista que tais formações expressam está diretamente ligado a cruzamentos vocabulares envolvendo as mesmas bases lexicais com o nome do presidente (também chamado de “bozo”¹⁰ pelos opositores a suas atitudes e ações), como *bolsolixo*, *boçalnaro*, *bostanaro*, ou “apelidos” de seguidores mais fiéis (*bolsomínios*, *bolsogado*). Algumas dessas novas formações remetem à opinião do presidente sobre a pandemia, em pronunciamentos oficiais que causaram grande impacto nacional e internacional (*histeria*, *gripezinha*, *resfriadinho*). Por exemplo, *coronatleta* ridiculariza a imagem do presidente que, nos dias de hoje (ou mesmo no passado), está longe de apresentar perfil de esportista. No comentário abaixo, do Site BOL, está clara a intenção do internauta que cunhou o termo (<<https://twitter.com/Lorhann5>>) de pôr em xeque a imagem de atleta do presidente:

(17) BOLSONARO ATLETA? IMAGENS VIRALIZAM E PRESIDENTE VIRA PIADA NA WEB

Apesar das inúmeras críticas por seu pronunciamento, Jair Bolsonaro (sem partido) viralizou na web por afirmar que por seu histórico de atleta, o coronavírus no alto dos seus 65 anos seria apenas uma “gripezinha” ou “resfriadinho”. Os brasileiros agiram em tom de ironia ao trecho citado por Bolsonaro em seu pronunciamento, já que ele pertence ao grupo de risco da doença e não há nada oficial que comprove que um ex-atleta tenha imunidade ao novo coronavírus.

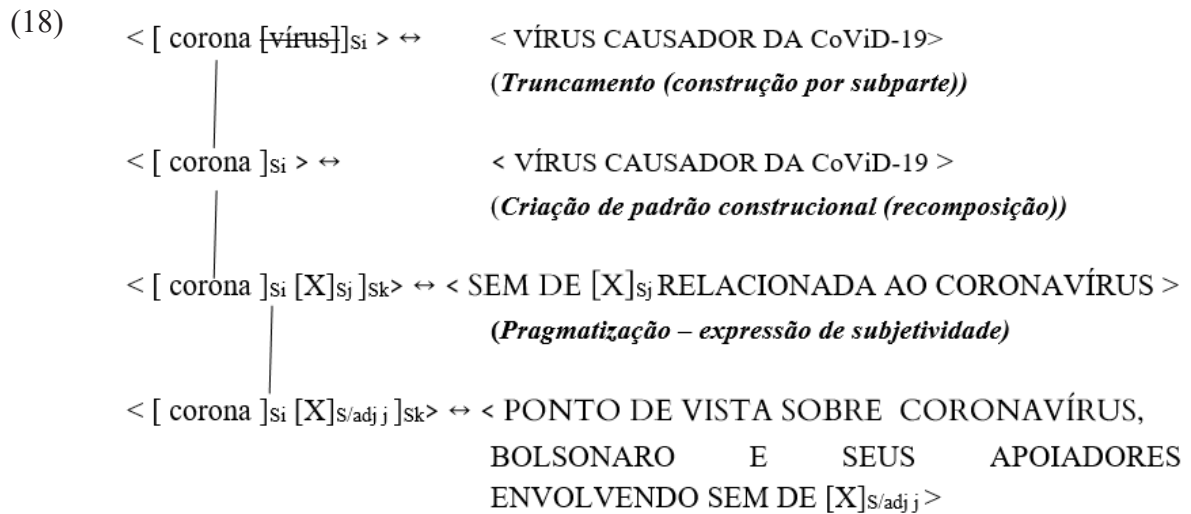
A partir disso, diversos vídeos dele fazendo flexões de maneira errada e até uma foto da época em que o presidente praticava atletismo se propagou na web e virou prato cheio para as zoeiras.

<<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2020/03/25/bolsonaro-atleta-imagens-viralizam-e-presidente-vira-piada-na-web.htm?cmpid=copiaecola>> (grifo nosso)

Sem dúvida alguma, as formações em (16) são bem menos transparentes que as apresentadas em (14), apesar de igualmente analisáveis. Sabendo que a composicionalidade é gradiente (BYBEE, 2010), entendemos que há uma construção decorrente de (13) apoiada num espaço mental aberto por itens lexicais vinculados a um domínio cognitivo de crítica a Jair Bolsonaro pelo menos nos últimos dezoito meses (desde o período eleitoral). Ao ativar esse espaço mental, a construção decorrente, como se formaliza abaixo, herda da básica a ideia de doença infecciosa, mas também herda das matrizes lexicais com que *corona* se combina o repúdio à principal liderança do país sobre a maior pandemia

10 Como ‘bolso’ não poderia funcionar como truncamento de ‘Bolsonaro’, dada a existência de um homônimo não expressivo na língua, a forma ‘Bozo’ – nome de um personagem afastado da mídia há muito tempo – passou a ser usada, sozinha, em referência a ‘Bolsonaro’, num caso diferente de truncamento. A relação fonológica entre *bolso* e *bozo* é evidente e essa última foi reativada (CASTILHO, 2002), deixando de se referir ao antigo palhaço que foi sucesso no SBT nos anos 1990, para fazer referência jocosa ao agora presidente.

dos últimos 100 anos. Por isso mesmo, adjetivos se compatibilizam com a construção (*boçal, burro*), que é predominantemente avaliativa (veiculadora de aspectos subjetivos sobre a infecção e sobre o presidente e seus apoiadores). A representação a seguir sumariza os mecanismos até então descritos:



5. Casos mais isolados envolvendo o nome da doença no cenário político brasileiro

Embora não estejam relacionadas a padrões construcionais, por envolverem processos não concatenativos de fusão, os quais, nas palavras de Booij (2007: 44), “constituem um desafio para a Morfologia Construcional”, não podemos deixar de mencionar alguns casos de cruzamento vocabular encontrados em nossa busca eletrônica. Como apresentam alta frequência de *tokens*, optamos por comentar os entranhamentos lexicais¹¹ a que tivemos acesso. Começamos com *bolsonavírus*, formação que não pode estar relacionada ao esquema em (09), $\langle [[\text{X}] [\text{vírus}]]_{\text{si}} \rangle \leftrightarrow \langle \text{vírus relacionado à SEM de [X]} \rangle$, porque a primeira posição não é preenchida por uma forma completa, seja ela um radical, uma palavra ou um *splinter*¹².

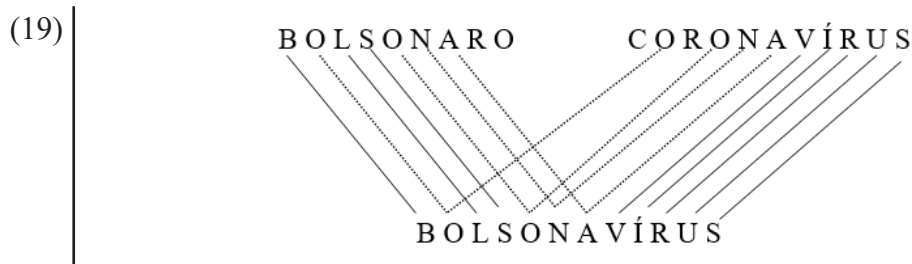
A construção *bolsovírus*, também encontrada no *corpus*, certamente se enquadra nesse padrão porque, como demonstrado em Gonçalves (no prelo) e em Benfca da Silva (2019), *bolso*, sequência não morfêmica oriunda do sobrenome *Bolsonaro*, participa de novas formações lexicais, como *bolsomito*, *bolsomínion* etc., sendo usada em referência ao presidente. Dessa forma, com um *splinter* na primeira posição, *bolsovírus* constitui instanciação do esquema $\langle [[\text{X}] [\text{vírus}]]_{\text{si}} \rangle \leftrightarrow \langle$

11 Tipo de cruzamento vocabular, também chamado de *Portamanteau* (PIÑEROS, 2000), FUVES (Fusão Vocabular Expressiva: BASILIO, 2005) e interposição lexical (ANDRADE, 2014), que consiste na junção de duas bases por intersecção tamanha que resulta no compartilhamento de um ou vários segmentos fônicos, a exemplo de *Micheque* (Michele (Bolsonaro) com cheque), *familicia* (*familia* (Bolsonaro) com *milícia*) e *Carluxo* (*Carlos* (Bolsonaro) com *luxo*).

12 *Splinters* são “produtos de truncamento ou partes de cruzamentos vocabulares ou de substituições sublexicais que passam a formar uma série de novas palavras” (GONÇALVES & ANDRADE 2012: 130), a exemplo de *-nese* (de maionese), *caipi-* (de caipirinha), *-tone* (de panetone) e *-nejo* (de sertanejo).

vírus relacionado à SEM de [X] >. *Bolsonavírus*, por sua vez, é um cruzamento vocabular. Embora apresente *vírus* na segunda posição, essa forma remete a *coronavírus*, tanto em termos métricos (número de sílabas e pauta acentual) quanto em termos de compartilhamento sonoro.

Pelo que pudemos perceber, a criação lexical *bolsonavírus* foi cunhada por Fernando Haddad e aparece em entrevista dada por ele na Folha de São Paulo em 29/02/2020. Nessa entrevista, o candidato ao PT nas eleições presidenciais de 2018 afirma que o principal alvo do “vírus Bolsonaro” são pobres, pretos, favelados, nordestinos, mulheres e LGBTs. Obviamente, na época, o novo coronavírus já havia sido descoberto, mas, no Brasil, não tinha tomado as proporções que tem hoje. O ex-ministro da Educação estava se referindo às políticas do atual governo em relação às minorias, comparando-o ao vírus recém-descoberto. No entanto, como se diz, a palavra caiu na boca do povo (ou nos dedos) e a construção, fruto de uma perfeita interposição das bases *corona* e *Bolsonaro* na periferia esquerda da formação, ganhou novos usos. Do ponto de vista morfofonológico, podemos afirmar que se trata de um exemplar perfeito do fenômeno do entranhamento lexical (GONÇALVES, 2004), em que as bases estão emaranhadas de tão forma que compartilham vários segmentos. Podemos representá-la da seguinte maneira, em que linhas pontilhadas sinalizam elementos em comum (ambimorfêmicos):



Ao comparar o atual presidente a um agente infeccioso, a recentíssima construção ganha novas nuances de significado. Em primeiro lugar, remete ao bolsonarismo, fenômeno interpretado pela oposição como epidemia nacional, uma vez que sustentada, por exemplo, na negação de fatos científicos e numa fé quase religiosa no líder político tão polêmico (cf., p. ex., <<https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonarismo-nao-e-partido/>>), como ilustram as imagens a seguir:



Imagem 2: *Bolsonavírus* como sinônimo de *bolsonarismo*

<<http://lbi-qi.blogspot.com/2020/02/o-bolsonavirus-esta-no-brasil-ha-muito.html>>



Imagem 3: *Bolsonavírus* como sinônimo de *bolsonarismo*
<https://www.humorpolitico.com.br/sid/bolsonavirus/>

Bolsonavírus também constitui crítica ao presidente em relação ao total descaso pela pandemia, indo na contramão do que se vem praticando nos países com maior controle da doença. Nesse caso, o próprio presidente é interpretado como o transmissor da patologia, como ilustra a figura a seguir:



Imagem 4: *Bolsonavírus* como agente da pandemia
<https://twitter.com/hashtag/bolsonav%C3%ADrus>

O entranhamento lexical *cononaro* também cumpre as mesmas funções de *bolsonavírus*, mas apresenta frequência de *token* bem mais baixa: por exemplo, o Google retorna 9.550 páginas para *bolsonavírus* contra apenas 65 para o cruzamento *cononaro*¹³. Esta última forma não foi bem sucedida talvez (a) por sua semelhança com outra já existente na língua, derivada de *coroa*: *coronário* e (b) por não remeter à ideia de “que se espalha”, por não conter a palavra *vírus*.

Outra formação extremamente recente envolvendo o nome da doença faz uso do tecnicismo inglês, que, como vimos, constitui uma sigla: CoViD-19. Como *corona*, *covid* pode remeter ao vírus ou à doença, o que justifica a alternância de gênero, a *covid*, o *covid*. Por analogia, já que a sigla apresenta vários segmentos comuns com o adjetivo *covarde*, foi criada a expressão COVARD-17. A

13 Essa palavra também constitui sobrenome de um famoso maestro e de um general, além de ser nome de ruas e bairros.

nova unidade lexical só difere do acrônimo inglês em dois aspectos: na rima da sílaba tônica (<i>, em CoViD e <ar> em COVARD) e no número final. Como se sabe, embora esteja atualmente sem partido, o presidente ganhou as eleições pelo PSL (Partido Social Liberal), cujo número é 17, estampado em várias campanhas pela *internet* em 2018 e ainda hoje usado em referência à principal figura do Planalto Central. Até a epêntese de [i] na sigla a iguala ao adjetivo em questão, caracterizando outro caso exemplar de cruzamento vocabular por entranhamento.

Quando rastreada pelo *Google*, a forma *COVARD-17* retorna com 1660 resultados. No *Google Imagens*, há pelo menos 10 memes vinculados à nova expressão. O mais acessado, no entanto, é o seguinte, que ironiza o uso da máscara médica pelo presidente, cujo pronunciamento do dia 24 de março, de acordo com o *site* G1¹⁴, mobilizou as redes sociais e levou a uma enxurrada de interações (cerca de 3 milhões e meio só no *Twitter*), oitenta por cento negativas, segundo dados da Sala de Demografia Digital, da Diretoria de Análises Políticas Públicas, da Fundação Getúlio Vargas (Daap-FGV)



Imagem 5: COVARD-17

<<https://br2pontos.com.br/nacional/bolsonaro-ganha-novo-apelido-nas-redes-sociais-covard-17/>>

Outro cruzamento vocabular criado a partir de CoViD-19 é Bovid-17. Também aqui, o número 17 faz referência ao PSL e, por metonímia, ao presidente eleito por esse partido. O aproveitamento de segmentos fônicos é menor, mas, ainda assim, as duas formas de base são bem acessadas por terem o mesmo tamanho (três sílabas) e o mesmo acento (são ambas paroxítonas). Para interpretar a nova formação, há de se ter em mente o seguinte: (a) os apoiadores do presidente são chamados de gado pela oposição; (b) bois e vacas, cabras e ovelhas são ruminantes que pertencem à classe dos bovídeos, animais domesticados há muito tempo; (c) esses animais sempre andam juntos; (d) nesses grupos, um indivíduo vai à frente liderando o grupo e inúmeros outros o seguem, formando um **coletivo de animais chamado manada**. Tem-se, aqui, portanto, uma metáfora: os apoiadores do presidente são

¹⁴ <<https://g1.globo.com/economia/blog/ana-flor/post/2020/03/25/pronunciamento-de-bolsonaro-e-repudiado-nas-redes-sociais-aponta-levantamento-da-fgv.ghtml>>.

comparados a uma manada. Quando cruzada com a forma *CoViD*, o resultado vem a ser a designação simultânea tanto do agente infeccioso quanto da doença, uma vez que a sigla original já era usada com as duas acepções, como se observa nas imagens a seguir:

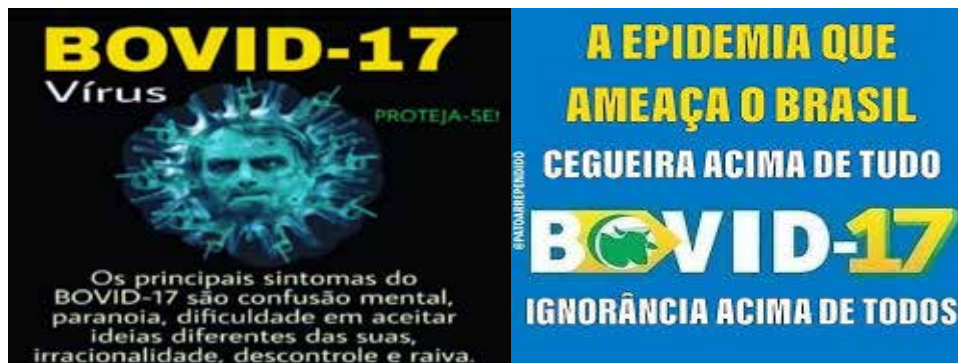


Imagem 6: BOVID-17

<<https://www.google.com/search?source=univ&tbm=isch&q=bovid->>

Palavras finais

Neste trabalho, utilizamos um conjunto de novas construções lexicais que, em comum, partem dos nomes técnicos utilizados para denominar um vírus recentemente descoberto que vem infectando inúmeras pessoas e causando grande pânico nas sociedades modernas: o *coronavírus* (agente infeccioso que provoca a CoViD-19). Não foi intencional a variação de gênero em referência ao vírus e à patologia usada no período precedente: numa clara extensão metonímica, o vírus passa a designar a doença, havendo, por isso, diferenças de significado conforme a mudança de gênero em ambos os casos.

Apesar de relacionados ao uso criativo da linguagem, da grande dependência contextual para sua interpretação e de sua efemeridade, tais construções revelam habilidades cognitivas como a identidade, a imaginação e a integração, demonstrando fortemente a atuação dos três “i”s da mente (FAUCONNIER & TURNER, 2002); essas habilidades ajudam-nos a compreender como o falante constrói construções por similaridades e expõe ponto de vista, ora desfazendo uma palavra complexa (truncamento), ora manipulando a parte menos transparente de um composto neoclássico, levando-a a criar séries de palavras. Essas formações comprovam que a linguagem é sócio-culturalmente situada, pois, vingando ou não, pelo menos deixam, na língua, sobretudo nesta era digital, vestígios de como o falante avalia uma pandemia em um período sócio-histórico específico (o atual).

Referências

- AMIOT, Dany; DAL, Georgette. Integrating Neoclassical Combining Forms into a Lexeme -Based Morphology. G. Booij, et al. (eds.). *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*. Bologna: University of Bologna, 2005, p. 323-345.
- ANDRADE, Katia Emmerick. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- BASILIO, Margarida Maria de Paula. A fusão vocabular como processo de formação de palavras. *Anais IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: UFBA, 2005, p. 545-555.
- BENFICA DA SILVA, Vitória. *O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro, UFRJ, 2019.
- BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, Geert. Construction morphology and the lexicon. In: Montermini, F.; Boyé, G.; Harbout, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes Morphology in Toulouse*. Somerville MA: Cascadilla Press, 2007, p. 34-44.
- BOOIJ, Geert. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 109-131.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAETANO, Maria do Céu. A meio caminho entre derivação e a composição. *Estudos linguísticos/linguistic studies*, 5 (1), 2010, p. 131-140.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. 4. ed., São Paulo: Contexto, 2002.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think. Conceptual blending and the mind hidden complexities*. New York, Basic Books, 2002.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. O poder nas palavras: (des)construções lexicais do nome do atual presidente do Brasil. *Gragoatá*, v. 25, n. 52 (número temático **Gramática de Construções e interfaces (no prelo)**).

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. “Na sextaneja com a caipifruta da mãe drasta”: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, 13: 139-158, 2013.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVEL*, 5 (edição especial), 2011, p. 5-31.

GONÇALVES, C. A. V. Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; PIRES, José Augusto. O. Uma abordagem construcional para as formações *X-dromo* do português brasileiro. *Linguística*, 12 (1), 2017, p. 106-126.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 58, n. 1, 2014, p. 165-193.

GONÇALVES, C.A. V. & OLIVEIRA, P.A. Por uma visão compreensiva do processo de recomposição. *Anais do XVII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CNLF, 2013, p. 1-17.

HIGINO DA SILVA, Neide. *Diferentes perspectivas sobre o formativo AGRO: aspectos históricos, morfológicos e semânticos*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: University Press, 1987.

LÜDELING, Anne. Neoclassical word-formation. Berlin. In: BROWN, Keith (org.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Orford: Elsevier, 2006, p. 580-582.

PETROPOULOU, Evantia. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. *Patras Working Papers in Linguistics*, v. 1, 2009, p. 40-58.

RONDININI, Roberto; GONÇALVES, Carlos Alexandre. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? *Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Coimbra/Lisboa: Colibri, v. 22, 2006, p. 533-546.

SANDMANN, António José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

SCALISE, Sergio *et alii*. Exocentricidade na composição. *Gengo Kenkyu*, 135 (1), 2009, p. 49-84.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de lingu@gem*, v. 11, p. 468-501, 2017.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos Sentidos: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almeida, 2006.

SOLEDADE, Juliana. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, Ariadne; SANTOS, Elisângela (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além-mar*. Salvador, EDUFBA. 2018.

TAVARES DA SILVA, João Carlos. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo boojiano em terras brasílicas. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8., n. 2., 2019, p. 109-135.